



Olhar de Professor
ISSN: 1518-5648
ISSN: 1984-0187
olhardeprofessor@uepg.br
Universidade Estadual de Ponta Grossa
Brasil

A IMPORTÂNCIA DE ALFABETIZAR LETRANDO O IDOSO

de Souza Fernandes, Ivoni

A IMPORTÂNCIA DE ALFABETIZAR LETRANDO O IDOSO

Olhar de Professor, vol. 19, núm. 2, 2016

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=68459741006>



Este trabalho está sob uma Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0.

A IMPORTÂNCIA DE ALFABETIZAR LETRANDO O IDOSO

THE IMPORTANCE OF ALPHABETIZING THE ELDERLY ALONG WITH LITERACY

LA IMPORTANCIA DE ALFABETIZAR LETRANDO MAYORES

Ivoni de Souza Fernandes

Escola de Formação de Professores e Humanidades, Brasil

ivonifernandes@hotmail.com

Redalyc: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=68459741006>

Recepção: 10 Agosto 2016

Aprovação: 10 Novembro 2016

RESUMO:

Este artigo é resultado de uma observação durante o processo de alfabetização com idoso da Universidade Aberta para Terceira Idade (UNATI), da Pontifícia Universidade Católica de Goiás no ano de 2016. O trabalho discute a questão: é possível alfabetizar letrando? Tem como objetivo compreender os aspectos relevantes acerca da alfabetização, letramento e aprendizagem. A metodologia deste estudo baseou-se na pesquisa bibliográfica, e se fundamenta em Soares (2014), Kleiman (1998), Carvalho (2007) e outros. Alfabetização e o letramento são processos que se entrelaçam, são indissociáveis e devem acontecer de forma simultânea. Letrar é apreender as habilidades do hábito de ler e escrever, enquanto alfabetizar refere-se ao aprendizado das técnicas para a compreensão da linguagem e seus conteúdos gramaticais. Uma pessoa alfabetizada pode não ser letrada, pois não possui o hábito da leitura e não consegue responder às necessidades sociais da escrita e da leitura. A alfabetização e o letramento devem caminhar lado a lado no processo de aprendizagem. É importante alfabetizar letrando para que o idoso seja inserido no contexto cultural da sociedade. Propõe-se neste trabalho a urgência de resgatar as características de cada concepção e refletir sobre o papel do professor para que este consiga contemplar, no seu fazer pedagógico, uma proposta de alfabetizar letrando. Espera-se que este trabalho possa colaborar para o avanço da temática.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização, Letramento, Aprendizagem.

ABSTRACT:

This article is the result of an observation during the process of functional literacy with elderly from the Open University for the Elderly (UNATI), of the Pontifical Catholic University of Goiás in the year 2016. The paper discusses the question: Is it possible to alphabetize literacy? It aims to understand the relevant aspects about functional literacy, literacy and learning. The methodology of this study was based on bibliographical research, and is based on Soares (2014), Kleiman (1998), Carvalho (2007) and others. Functional literacy and literacy are processes that are intertwined, inseparable and must happen simultaneously. Literacy is to learn the skills of the habit of reading and writing, while functional literacy refers to learning the techniques for understanding language and its grammatical contents. A functional literate person may not be literate because do not have the habit of reading and cannot respond to the social needs of writing and reading. The functional literacy and literacy must go hand in hand in the learning process. It is important to alphabetize literacy so that the elderly can be inserted into the cultural context of society. It is proposed in this work the urgency to rescue the characteristics of each conception and to reflect on the role of the teacher to be able to contemplate, in pedagogical work, a proposal of to alphabetize along with literacy. It is expected that this work can contribute to the advancement of the theme.

KEYWORDS: Functional literacy, Literacy, Learning.

RESUMEN:

Este artículo es el resultado de una observación durante el proceso de literacidad con adultos mayores de la Universidad Abierta de la Tercera Edad (Unati), la Universidad Católica de Goiás en el año 2016. En el documento se analiza la pregunta: es posible alfabetizar letrando? Su objetivo es comprender los aspectos más relevantes de la alfabetización, la literacidad y el aprendizaje. La metodología de este estudio se basó en investigación bibliográfica, y se basa en Soares (2014), Kleiman (1998), Carvalho (2007) y otros. La alfabetización y la literacidad son procesos que se entrecruzan, están íntimamente relacionados y deben suceder simultáneamente. Letrar es captar las habilidades del hábito de la lectura y la escritura, mientras que la alfabetización se refiere al aprendizaje de las técnicas para la comprensión del lenguaje y su contenido gramatical. Una persona que sabe leer y escribir puede no ser letrada, pues no tiene el hábito de la lectura y no consigue responder a las necesidades sociales de escritura y de lectura. Se espera que este trabajo pueda colaborar para el avance de la temática. La alfabetización y la literacidad deben andar juntos en el

proceso de aprendizaje. Es importante alfabetizar letrando para que los adultos mayores se inserten en el contexto cultural de la sociedad. Se propone en este trabajo la urgencia de rescatar las características de cada concepción y reflexionar sobre el papel del maestro para que pueda contemplar, en su tarea pedagógica, una propuesta para alfabetizar letrando. Se espera que este trabajo pueda contribuir al avance de esta temática.

PALABRAS CLAVE: Alfabetización, Literacidad, Aprendizaje.

INTRODUÇÃO

O envelhecimento populacional é um fenômeno mundial que se apresenta de maneira heterogênea em cada país. No Brasil, há um grande número de pessoas analfabetas com idade acima de 60 anos. A Gerontologia é a ciência que estuda o idoso em situação pedagógica.

Nas últimas décadas aumentaram as discussões sobre o idoso no Brasil e sobre a garantia de seus direitos e um deles é o direito à educação escolar. Assim, o objetivo do presente texto é compreender os aspectos relevantes acerca da alfabetização, letramento e aprendizagem do idoso, que está em processo de alfabetização na Universidade Aberta para Terceira Idade (UNATI), da Pontifícia Universidade Católica de Goiás no ano de 2016. A questão norteadora deste trabalho é problematizar “se é possível alfabetizar letrando o idoso”.

Portanto, a apropriação da leitura e da escrita é um desafio hoje na educação formal. No entanto surge em meados dos anos 80 o termo “letramento” em decorrência da necessidade de ampliação do conceito de alfabetização. Essa palavra passou a designar, então, os usos sociais da leitura e da escrita. (SOARES, 1998). O letramento é entendido, desse modo, como um conjunto de práticas sociais em que a escrita é usada. (KLEIMAN, 1995).

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2000, apresentou um índice de 37,98% de pessoas analfabetas com idade acima de 65 anos. E no ano de 2011, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) trouxe dados que revelaram que 96,1% dos analfabetos do país têm 25 anos ou mais. Mais da metade deles se concentram na faixa acima de 50 anos. As maiores taxas de analfabetismo se encontram entre as pessoas mais idosas, os afrodescentes, os mais pobres, os que vivem no nordeste e que estão na zona rural do Brasil. Em 2012, o IBGE trouxe dados que revelaram que mais de 10 milhões de brasileiros com mais de 60 anos não sabem ler ou escrever (24,8% de analfabetos). O perfil sociodemográfico dos idosos brasileiros, elaborado pela Fundação Perseu Abramo e pelo Serviço Social do Comércio (SESC) em 2007, detalha melhor o cenário. Segundo o estudo, o analfabetismo funcional atinge 49% das pessoas acima de 60 anos. Entre elas, 18% não receberam educação formal e 89% não concluíram o ensino fundamental.

Diante deste cenário o desafio da alfabetização, hoje, é alfabetizar letrando. O alfabetizador precisa entender que alfabetização é um processo complexo que inicia antes da alfabetização escolar, assumindo-se a escrita pela dimensão simbólica e enfatizando os seus usos sociais. Por meio da mediação do professor o idoso vai identificando a natureza da linguagem escrita, porém a qualidade das interações é que vai determinar as concepções que o idoso apresenta sobre a linguagem escrita. No entanto é função da escola é dar continuidade a esse trabalho, de forma sistematizada pelo contato com as diversas práticas sociais que participa.

A alfabetização e o letramento são fundamentos da educação e devem ser encarados como essenciais para que o idoso apreenda um nível satisfatório de compreensão do mundo. É isso que a alfabetização e o letramento fazem, além de demonstrar os signos e símbolos, faz com que compreendamos o mundo em que vivemos.

No entanto, na concepção atual, a alfabetização não precede o letramento, os dois processos devem ser vistos como simultâneos, entende-se que no conceito de alfabetização estaria compreendido o de letramento e vice-versa.

A presente pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfico, teve por objetivo compreender os aspectos relevantes acerca da alfabetização, letramento e aprendizagem. Desta forma, refletir sobre a importância de alfabetizar letrando o idoso é considerá-lo protagonista de sua vida. A metodologia utilizada para realização

deste estudo baseou-se numa revisão de literatura feita através de teóricos que tratam do tema como Soares (2014), Kleiman (1998), Carvalho (2007) dentre outros.

De acordo com Severino:

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborada constituídos principalmente de livros e artigos científicos (revistas, materiais da internet). Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas, pesquisas sobre ideologias, bem como aquelas que se propõem a análise das diversas posições acerca de um problema também costumam ser desenvolvidas quase exclusivamente mediante bibliografias. (SEVERINO, 2000, p. 20).

Desta forma, Severino (2000) explica como se pode fazer uma exploração das fontes bibliográficas. O trabalho foi realizado com a leitura do material, conduzido de forma seletiva, retendo as partes essenciais para o desenvolvimento do estudo. Este trabalho está organizado em quatro partes: Historicidade do letramento, Alfabetizar letrando o idoso, Aprendizagem significativa, É possível alfabetizar letrando.

Propõe-se a urgência de resgatar as características de cada concepção e refletir sobre o papel do professor para que este consiga contemplar, no seu fazer pedagógico, uma proposta de alfabetizar letrando. Espera-se colaborar para o avanço da temática.

HISTORICIDADE DO LETRAMENTO

Faz-se necessário e urgente repensar e rever ações políticas e pedagógicas a cerca da problemática do processo de aquisição e desenvolvimento da leitura e escrita no país. Desde a década de 95, na visão de Kleiman (1995) esta necessidade educacional brasileira na qual a crescente marginalização de grupos sociais que não conhecem a escrita é veemente e alta demanda social naquele período histórico, a autora afirma a forte tendência de ampliação dos estudos teóricos em busca de explicações sobre a questão acima de todos, que se concretizam ao longo da história sob a denominação de letramento.

De acordo com Magda Soares (2014) a palavra letramento se tornou necessária quando o conceito de alfabetização se tornou insatisfatório esse conceito passa a ser aprimorado no Brasil a partir de 1980 a partir de uma terminologia vinda dos Estados Unidos.

Soares (2014) afirma que a denominação letramento é uma versão em português da palavra literacy. O surgimento desse termo representou uma mudança histórica nas práticas sociais, portanto novas demandas sociais no uso da leitura e escrita exigiam uma nova palavra, ou seja, houve a necessidade de uma nova palavra porque uma nova realidade social se apresentava. Palavra essa que quer dizer: pessoa capaz de ler e escrever, sendo assim pode-se entender que Soares parte do pressuposto de que existe uma ligação entre alfabetização e letramento (alfabetização como aquisição de código da leitura e da escrita), pois seria necessária como uma espécie de “pré-requisito” para o letramento (apropriação e uso social da leitura e escrita).

De acordo com Soares:

Dissociar alfabetização e letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, linguísticas e psicolinguísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – a alfabetização – e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita. (SOARES, 2014, p.14).

Pode-se entender então, que apesar de distintos a alfabetização e letramento estão ligados, pois, estes dois processos acontecem de forma simultânea, através da aquisição do sistema de escrita e o seu uso em práticas sociais.

Tfouni (2004, p. 20) inicia a definição de letramento, diferenciando-a de alfabetização: “Enquanto alfabetização se ocupa da aquisição da escrita por um indivíduo, ou grupo de indivíduos, o letramento focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade.”

Segundo Tfouni (2004) os estudos sobre letramento não se restringem somente as pessoas que adquiriram a escrita isso é o alfabeto usado busca investigar também as consequências da ausência da escrita a nível individual, mas sempre remetendo ao social mais amplo, ou seja, procurando ver quais características da estrutura social tem relação com os fatos postos. A ausência tanto quanto à presença da escrita em uma sociedade são fatores importantes que atuam ao mesmo tempo como causa e consequência de transformações sociais culturais e psicológicas.

De acordo com Tfouni (2004) ao contrário do que se costuma pensar, os indivíduos não alfabetizados também possuem a capacidade para descentrar seu raciocínio e resolver conflitos e contradições que pode ser observado no seu dia-a-dia.

No entanto Soares (2014) aponta duas dimensões principais do letramento: a dimensão individual e a dimensão social. Para compreender melhor estas duas dimensões é preciso entender que o letramento envolve dois processos fundamentalmente diferentes: ler e escrever.

Segundo Smith:

Ler e escrever são processos frequentemente vistos como imagens espelhadas uma da outra, como reflexos sob ângulos opostos de um mesmo fenômeno: a comunicação através da língua escrita. Mas há diferenças fundamentais entre as lidardes e conhecimentos empregados na leitura e aqueles empregados na escrita, assim como há diferenças consideráveis entre os processos envolvidos na aprendizagem da leitura e os envolvidos na aprendizagem da escrita. (SMITH, 1973, p. 117 apud SOARES, 2014, p. 67).

Dessa forma, cada uma dessas habilidades tem as suas próprias características que as definem e que, ainda, se distinguem dentro de cada dimensão. Por exemplo, a leitura na concepção da dimensão individual, de acordo com Soares (2014, p. 68), “é um conjunto de habilidades linguísticas e psicológicas, que se estendem desde a habilidade de decodificar palavras escritas até a capacidade de compreender textos escritos”.

No entanto Soares (2014) afirma que apesar de existir diferenças fundamentais entre leitura e escrita, frequentemente as definições do letramento tratam da leitura e escrita como uma única habilidade, dessa forma desconsiderando as peculiaridades de cada uma, segundo Soares uma pessoa pode ser capaz de ler e não conseguir escrever, ou pode ler bem e escrever mal. Se considerarmos apenas a dimensão individual do letramento poderíamos considerar como letrada uma pessoa que conseguisse ler e escrever com compreensão.

Por conseguinte Tfouni (2004) subdivide esta dimensão em duas perspectivas. A primeira, a autora denomina de individualista-restritiva que se restringe à aquisição da leitura/escrita, a obtenção da técnica de codificar e decodificar os símbolos linguísticos, dessa forma é possível facilmente confundir-se com alfabetização. Já a segunda perspectiva, Tfouni (2004) denomina como cognitivista e explica o aprendizado como produto das atividades mentais, onde vê o sujeito como responsável principal pelo processo da aquisição da leitura e escrita, uma vez que considera-se que o conhecimento e as habilidades têm origem nesse indivíduo. Observa-se, nesse sentido, os processos internos e ignora as procedências sociais e culturais do letramento.

Com relação à escrita dentro desta mesma dimensão, “é também um conjunto de habilidades linguísticas e psicológicas, mas habilidades fundamentalmente diferentes daquelas exigidas pela leitura.” (SOARES, 2014, p. 69).

De acordo com Soares (2014), aquele que escreve precisa possuir algumas habilidades para poder expressar melhor suas ideias e pensamentos. Como por exemplo, as habilidades motora (caligrafia) e ortográfica, pontuação, seleção habilidade para selecionar informações, capacidade de organizar ideias estabelecendo relação entre elas, apreendendo uma linguagem clara.

Percebe-se que a dimensão individual do letramento enfoca as competências do próprio indivíduo para interpretar e/ou analisar o material que lhe está sendo exposto. E pode-se inferir que as habilidades para a leitura e para a escrita são diferentes, porém não contrárias; na verdade, se complementam. (SOARES, 2014).

Contrariando a dimensão individual do letramento, onde, considera-se fundamentalmente a aquisição da escrita e da leitura por um indivíduo, Soares apresenta a dimensão social do letramento, onde nessa dimensão o letramento não é um atributo unicamente pessoal, mas principalmente uma prática social.

Letramento é o que as pessoas fazem com as habilidades de leitura e de escrita, em um contexto específico, e como essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolve em seu contexto social. (SOARES, 2014, p. 72).

De acordo com Soares (2014, p. 66), na dimensão social, o letramento se direciona para “[...] um conjunto de atividades sociais que envolvem a língua escrita e de exigências sociais de uso da língua escrita.”

Assim, entende-se que os estudos sobre o letramento, de alguma forma, acabam por privilegiar a dimensão individual ou a social do letramento. O que nos traz questionamentos em relação a essa dimensão individual do letramento seria o fato de que essa maneira de conceber letramento que está ligado à habilidade individual de ler e escrever e pode reforçar alguns termos que já temos conhecimento: alfabetizado/analfabeto; letrado/iletrado; pré-letrado/pós-letrado etc.

Desta forma contribui assim para a disseminação de ideias conservadoras que acabam discriminando e marginalizando, indivíduos que por algum motivo ainda não conseguem ler e escrever, geralmente por não terem acesso à educação formal, o que levam a serem rotuladas, preconceituosamente, como analfabetas.

Finalmente através desta pesquisa observa-se que as várias definições do termo letramento chegam a ser diferenciadas, e até chegam a se contradizer pois cada uma delas se baseia em alguma dessas dimensões do letramento (individual ou social) em que se fundamenta.

Soares (2014) conclui que seria impossível uma definição precisa para letramento, pois, do ponto de vista sociológico, mesmo dentro de uma única sociedade, há contextos sociais heterogêneos bem como demandas funcionais que diferem entre si, como: sexo, idade, residência rural ou urbana e etnia, bem como outros fatores que determina manaturezado comportamento letrado. E quando se pensa em ampliar esta definição para contextos globais os parâmetros se distanciam ainda mais.

Dessa forma pode-se perceber que a única conclusão que os estudiosos chegam é que letramento, desde o seu surgimento, até as suas mais variadas concepções e definições, está relacionado com a escrita. Os estudos que contemplam a dimensão do letramento surgem no campo acadêmico como uma tentativa de separar os estudos sobre alfabetização dos estudos que examinam os impactos sociais dos usos da escrita. (KLEIMAN, 1995).

Assim, o conceito de letramento envolve um conjunto de fatores que variam de habilidades e conhecimentos individuais às práticas sociais e competências funcionais, bem como, valores ideológicos e metas políticas, não se trata de alguma coisa que uma pessoa tem ou não tem, depende principalmente das condições culturais, sociais e econômicas.

Por isso, avaliar ou medir os níveis ou grau de letramento torna-se uma tarefa muito difícil e complexa, pois, existe uma variedade muito grande de uso da leitura e da escrita, praticadas em diferentes contextos sociais, é indispensável saber selecionar o que se quer medir ou avaliar, ter um parâmetro dentro desse universo de leitura e escrita, para chegarmos o mais próximo possível o resultado ideal.

Portanto no próximo capítulo busca-se um estudo mais aprofundado da alfabetização e letramento: uma contribuição no ensino aprendizagem, onde apreende-se alfabetização e Letramento: Distanciamentos e aproximações conceituais e como ocorre o processo de ensino aprendizagem.

ALFABETIZAR LETRANDO O IDOSO

As concepções contemporâneas de alfabetização e letramento nos levam a compreender o sujeito idoso como uma pessoa que traz para a sala de aula uma larga experiência de vida e, portanto, sua leitura de mundo. Isto significa que pessoas idosas consideradas analfabetas podem não ler e escrever as palavras quando pensamos

em decodificação e codificação que fazem parte do processo de alfabetização, mas conseguem relacioná-las com a realidade. Daí a importância de compreender a prática, ou sistema, ou ainda método, proposto por Paulo Freire, a fim de aplicar à situação de ensino-aprendizagem quando da educação/alfabetização de pessoas idosas.

O método Paulo Freire, segundo Brandão (1981), diferentemente dos demais, não tem um material pronto: como as antigas cartilhas, por exemplo. Após o levantamento do universo vocabular de um determinado grupo de pessoas que buscam a alfabetização, no diálogo entre educador e educandos, temas geradores, frases e palavras vão surgindo. Estas palavras codificam o modo de vida dos alfabetizandos e serão decodificadas no chamado círculo de cultura.

Compreender como alfabetização e letramento são processos diferentes, cada um com suas especificidades, mas complementares e inseparáveis, ambos indispensáveis. Aprender que os leitores, não apenas decodificam, mas que compreendem que são capazes de uma reflexão crítica sobre o texto lido, que é possível alfabetizar letrando.

Historicamente a escrita é o efeito da atividade humana sobre o mundo, e que o livro é um subproduto realizado pela escrita. “A escrita é um produto cultural por excelência”. (TFOUNI, 2010, p. 12). A alfabetização trata da aquisição da escrita como forma de aprendizagem de habilidades para leitura, escrita e práticas de linguagens, onde geralmente ocorre por meio do processo de escolarização, ou seja, educação formal.

De acordo com o Ministério da Educação: pró-letramento:

Que é necessário que o sujeito tenha se apropriado do sistema alfabético, como condição básica para o uso escrito da língua, que exige dos alunos aprendizados específicos. No entanto existem propostas pedagógicas em livros didáticos que valorizam parcialmente. O ato de inserir práticas sociais da leitura e da escrita, porém não garantem o acesso do aluno ao sistema alfabético e as convenções da escrita, acabam por deixar em segundo plano a fundamental exploração sistemática do código. (BRASIL, 2007, p. 364).

No entanto considera-se um erro dissociar o processo do letramento da alfabetização, como se um pudesse substituir o outro. A alfabetização é um processo indispensável para apropriação, pois o sistema da escrita que possibilita ao aluno ler e escrever de forma autônoma. “Entende-se letramento como o processo de inserção e participação na cultura escrita.” (BRASIL, 2007, p. 12).

Por tanto este processo se inicia no período da alfabetização, quando a criança começa a ter contato com diferentes tipos de escrita na sociedade, através de placas, embalagens, revistas e outros, e tem continuidade ao longo de sua vida.

Segundo o Ministério da Educação: pró-letramento

[...] alfabetização e letramento são processos diferentes, cada um com suas especificidades, mas complementares e inseparáveis, ambos indispensáveis. Assim, não se trata de escolher entre alfabetizar ou letrar; trata-se de alfabetizar letrando. Também não se trata de pensar os dois processos como sequenciais, isto é, vindo um depois do outro, como se o letramento fosse uma espécie de preparação para a alfabetização, ou, então, como se a alfabetização fosse condição indispensável para o início do processo de letramento. (BRASIL, 2007, p.13).

Desta forma o desafio que os educadores podem encontrar nos anos iniciais, educação fundamental seria então, conciliar esses dois processos e assegurar apropriação do sistema alfabético, que possibilitem o uso da língua nas práticas sociais da leitura e da escrita.

No entanto vivemos numa sociedade letrada, onde a escrita está presente de forma constante no dia-a-dia, o aluno tem contato com textos escritos e pode formular hipóteses sobre sua utilidade.

Por tanto excluir a experiência e vivência que o aluno tem fora da escola, pode reduzir e se tornar artificial, com isso pode acabar reduzindo e se tornar artificial o objeto de aprendizagem: a escrita, fazendo com que os alunos acabam desenvolvendo concepções inadequadas a respeito.

Desta forma não se pode deixar de explorar a relação dos alunos com a escrita, pois o educador estaria perdendo a oportunidade de conhecer desenvolver experiências culturais ricas de extrema importância para Integração Social do aluno no exercício da cidadania.

A construção desse conhecimento é uma tarefa árdua, pois envolve uma aprendizagem complexa, individual e subjetiva, mas não solitária, porque exige, ao mesmo tempo, troca de informações, estímulos e motivação. Ou seja, para apropriar-se do sistema convencional, o aluno cria e recria o sistema gráfico, com normas próprias de utilização e com sinais que representam a sua escrita, enfrentando contradições, formulando e testando diferentes hipóteses entre a sua escrita pessoal e a escrita alfabética. Tudo que ele lê ou escreve terá sempre uma lógica para ele naquele momento. O ato de explorar e experimentar a escrita passa necessariamente pelos chamados “erros” construtivos, próprios do processo de construção do conhecimento. (BIZZOTTO; AROEIRA et al., 2010, p. 40).

Se o professor permite e estimula a criança a vivenciar diversos atos de leitura e escrita sem medo de errar, a expor suas hipóteses e a reformulá-las diante dos conflitos vividos, aproximando-se cada vez mais da escrita alfabética, ele estará ajudando-a avançar no processo de aquisição da escrita. E mais, estará auxiliando-a na compreensão de que se escreve para se comunicar uma ideia, permitindo a ela, assim, realizar registros de uso social, conferindo sentido para tudo o que lê e escreve.

O professor estará não só alfabetizando, mas também letrando. É função da escola alfabetizar os alunos em um contexto letrado, em que existam práticas sociais de leitura e escrita. É necessário que as crianças façam uso da escrita nas suas diversas funções social, mesmo que ainda não estejam alfabetizadas.

Dessa forma, altera-se o foco do tratamento pedagógico, superando-se os processos da mera codificação e decodificação do sistema escrito. Aprender a ler pressupõe não só decifrar o código escrito, mas também interpretar e compreender os diversos gêneros textuais; aprender a escrever não é somente conseguir grafar o código escrito e refletir sobre as regras e especificidades da língua, estabelecendo a relação entre letra e som, mas também estar pronto a produzir diferentes tipos de textos adequados às distintas práticas comunicativas.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa, o objetivo do trabalho com a leitura é promover a formação de leitores competentes:

Formar um leitor competente supõe formar alguém que compreenda o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos; que estabeleça relações entre o texto que lê e outros já lidos, que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto; que consiga justificar e validar a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos. (BRASIL, 1997, p. 54).

É fundamental, portanto, expor os alunos a uma multiplicidade de textos que permeiem distintas respostas ao porquê e ao para quê da necessidade da prática da leitura. Se o objetivo da escola é formar cidadãos capazes de compreender os diferentes textos que circulam na sociedade, é necessário organizar o planejamento pedagógico de forma que o aluno possa experimentar as diferentes dimensões da leitura, tais como: ler para informar-se, para estudar, para escrever, para revisar o que se produziu, para resolver problemas do dia a dia ou até mesmo para divertir-se.

Do mesmo modo, os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa apontam que o trabalho na produção de textos deve levar à formação de escritores competentes:

Um escritor competente é alguém que ao produzir um discurso, conhecendo possibilidades que estão postas culturalmente, sabe selecionar o gênero no qual seu discurso se realizará escolhendo aquele que for apropriado a seus objetivos e à circunstância enunciativa em questão. (BRASIL, 1997, p. 65).

Formar um escritor competente é viabilizar uma proposta educativa embasada no diálogo, no uso da escrita em diferentes situações, na formação de sujeitos que tenham liberdade para ler, escrever e compreender o meio social no qual estão inseridos, sendo capazes de refletir e criticar a realidade que os cerca.

Dessa forma, acredita-se que os alunos terão condições mais reais de desenvolver seu potencial crítico-reflexivo, utilizando-se de novas formas de expressão, com base na análise dos diferentes gêneros discursivos e na interação com interlocutores diversos.

Finalmente pode-se entender que a ação pedagógica escolar mais apropriada e produtiva é aquela que considera de maneiras articuladas e simultâneas ambas: a alfabetização e o letramento.

APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

A alfabetização de idoso na universidade aberta da terceira idade busca-se o método de Paulo Freire. No entanto o trabalho precisa ser um princípio educativo, mas o conhecimento significativo levando em conta os valores trazidos pelo aluno e modifica-los, amplia-los, qualifica-los tanto quanto possível, no sentido de se construir uma educação capaz de agregar valores que façam diferença onde quer que esse ser atue.

Paulo Freire ressalta a importância da dignidade ligada à existência humana, essa conscientização permite a possibilidade de escolher e decidir por si mesmo, assim como lutar pelos sonhos para que se tornem realidade. Aquele que antes era excluído, marginalizado, pode converter-se num sujeito de direitos, podendo sentir-se gente e não coisas como foram relatada pelos alunos de alfabetização no primeiro dia de aula.

A existência humana é que permite, portanto, denúncia e anúncio, indignação e amor, conflito e consenso, diálogo ou sua negação com a verticalidade de poder. Grandeza ética se antagonizando com as mazelas antiéticas. É exatamente a partir dessas contradições que nascem os sonhos coletivamente sonhados, que temos as possibilidades de superação das condições de vida a que estamos submetidos como simples objetos para tornar-nos todos e todas seres mais. (FREIRE, 2001, p.14).

Apreende-se que Freire não se propõe a um método, mas um caminho que se constrói de forma espontânea, em bases de justiça, de desapego, sem hierarquias ou verdades absolutas. Mais que alfabetizar Freire busca criar condições para que esse processo seja livre e organizado pelo próprio educando. Possibilita-o experimentar os sabores do desafio da leitura e da escrita direcionados a sua realidade, quando diz que: “A leitura do mundo precede a leitura da palavra”.

Percebe-se quando Freire trabalha a educação de adultos, seu pano de fundo é a justiça social, o trabalho, a conscientização de um papel social e isso não deixam de ser o que haveremos de chamar anos depois de letramento. Onde a alfabetização tem um papel social e a leitura tem organização e sentido, motivação e a certeza de que o aluno alfabetizado e letrado é um sujeito político, questionador de direitos e deveres.

Para Freire a concepção crítica, o analfabetismo nem é uma ‘chaga’, nem uma ‘erva daninha’ a ser erradicada, mas uma das expressões concretas de uma realidade social injusta. Freire acreditava na educação pela via da gentileza, do amor fraterno e delicadeza e isso é um diferencial que quebra os paradigmas até dos métodos então conhecidos.

Portanto Freire, na busca de uma educação que transforme o aluno em “águia e não em galinha”, desta forma apreende-se que estamos exercitando o letramento. Combatendo o assistencialismo que enfraquece e oportunizando as ferramentas da educação, Freire sonhava e tentava alcançar por meio de seu papel como educador, uma sociedade de direitos e oportunidades mais iguais, onde a educação trabalha de forma a intervir no mundo e sendo ela uma condição possível e alcançável a todos. Desta forma a universidade aberta da terceira idade (UNATI) propõe este desafio de alfabetizar letrando os alunos.

É POSSÍVEL ALFABETIZAR LETRANDO

Freire (2001) dizia que aprender a ler e a escrever é aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto numa relação dinâmica vinculando linguagem e realidade e ser alfabetizado é tornar-se capaz de usar a leitura e a escrita como meio de tomar consciência da realidade e de transformá-la.

Ao longo dos anos a alfabetização tem sido alvo de inúmeras controvérsias teóricas e metodológicas, exigindo que a escola e, os educadores se posicionem em relação às mesmas, construindo suas práticas a partir do que está sendo discutido no meio acadêmico e transposto para a sala de aula a partir de suas reinterpretações e do que é possível e pertinente ser feito. Essas mudanças nas práticas de ensino podem ocorrer tanto nas definições dos conteúdos a serem desenvolvidos quanto na natureza da organização do trabalho pedagógico.

Deste modo para compreender a escrita e a leitura pergunta-se é possível alfabetizar letrando? Alfabetização e o letramento são processos que se entrelaçam, são indissociáveis e devem acontecer de forma simultânea, pois a entrada da criança no mundo da escrita deveria acontecer tanto pela aquisição do sistema convencional de escrita quanto pelo desenvolvimento de capacidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, intimamente ligadas às práticas sociais. Tendo em vista a interdependência desses dois conceitos, a proposta de alfabetizar letrando rompe com a divisão entre o momento de aprender o código escrito e o momento de fazer uso desse código nas práticas sociais.

Por tanto estudos linguísticos recentes propõem a articulação dinâmica e reversível entre descobrir a escrita, percebendo suas funções e modos de manifestação; adquirir a escrita, identificando suas regras e modos de organização; e utilizar a escrita em práticas socialmente significativas e adequadas ao que o contexto exige. Isso porque, como Albuquerque e Santos afirmam (2005, p. 47), “[...] as pessoas escrevem, leem e/ou interagem por meio da escrita, guiadas por propósitos interacionais, desejando alcançar algum objetivo, inseridas em situações de comunicação”.

Nessa perspectiva, cabe às escolas propiciar situações não só de interação e uso dos diversos gêneros e tipos textuais, enfatizando seus contextos de comunicação, mas também momentos de reflexão acerca da língua, realizando um trabalho sistemático sobre o funcionamento e as características do sistema de escrita alfabético e ortográfico.

Conforme Carvalho (2007) o aluno acaba enfrentando problemas de alfabetização logo no início. Quando o sujeito não tem contato suficiente com a escrita para que possam se tornar letrado, na maioria das vezes esse aluno têm aversão pela leitura e suas dificuldades acabam se refletindo em outras áreas do currículo, assim acaba se formando um ciclo onde o aluno não consegue ler ou não consegue compreender o que leu, e fica difícil melhorar a leitura porque não há alguém que o ajude a superar essa dificuldade.

Para alfabetizar, letrando, deve haver um trabalho intencional de sensibilização, por meio de atividades específicas de comunicação, por exemplo: escrever para alguém que não está presente (bilhetes, correspondência escolar), contar uma história por escrito, produzir um jornal escolar, um cartaz etc. Assim escrita passa a ter função social. (CARVALHO, 2007, p. 69).

Dá mesma forma Soares (2014) fala da necessidade de haver condições para o letramento, a primeira condição que ela traz é a necessidade de uma escolarização real e efetiva, que vai além do aprender a ler e escrever, no entanto o aluno pode ter à sua disposição material variado de leitura, pois se não é dado condições para ler e escrever, se não houver livrarias, jornais, revistas, como poderia, então, se tornar letrado?. Por tanto os alunos precisam estar inseridos em um ambiente de letramento, para fazer parte desse mundo letrado, um mundo onde todos possam ter acesso à leitura e a escrita, consequentemente, a escrita terá uma função para ele, e se tornará uma necessidade, uma forma de lazer, em vez de aversão, então o sujeito terá prazer na leitura.

Carvalho (2007) considera-se que o aluno necessita de ajuda para compreender as exigências das variações da escrita, de acordo com os gêneros textuais objetivos do autor. Ela sugere alguns tipos de textos, frequentemente utilizados na vida social no cotidiano, que são fundamentais e devem ser trabalhados ao longo do ensino fundamental, através de diferentes projetos e momentos: narrativas, listas, poemas, receitas, quadrinhos, bilhetes, convites, cartazes, agendas, diários, textos didáticos, reportagens, relatórios, documentos da vida cotidiana, bulas, normas e instruções.

Ao se entender que a aquisição da escrita não se dá desvinculada do processo de letramento, é preciso que a escola crie estratégias que foquem simultaneamente a leitura, a produção de textos e a reflexão sobre o código,

além de incluir em seu ambiente prático autênticas de uso dos diversos tipos de material escrito presentes na sociedade, na tentativa de assim contribuir para a formação de aprendizes capazes de ler e escrever com mais autonomia, competência e criticidade.

Para Soares,

Se alfabetizar significa orientar a própria criança para o domínio da tecnologia da escrita, letrar significa levá-la ao exercício das práticas sociais de leitura e escrita. Uma criança alfabetizada é uma criança que sabe ler e escrever, uma criança letrada [...] é uma criança que tem o hábito, as habilidades e até mesmo o prazer da leitura e da escrita de diferentes gêneros de textos, em diferentes suportes ou portadores, em diferentes contextos e circunstâncias [...] Alfabetizar letrando significa orientar a criança para que aprenda a ler e a escrever levando-a a conviver com práticas reais de leitura e de escrita. (SOARES, 2000, p. 85).

Para tanto conforme autora citada alfabetizar letrando significa orientar a criança para que aprenda a ler e a escrever levando-a a conviver com práticas reais de leitura e de escrita.

No entanto Carvalho (2007) propõe possibilitar o contato da criança desde cedo com textos variados, mas enfatiza que este não é um trabalho apenas para um ano letivo, é preciso que aconteça por todo o ensino básico.

Tornar-se letrado, ou formar-se leitor, é aprender sobre autores, seus modos de pensar, intenções, interlocutores, ideias e valores; é aprender sobre gêneros, sobre a forma pela qual o texto se organiza, a partir do título, obedecendo a certas Convenções, desdobrando-se parágrafo por parágrafo para exprimir ideias. (CARVALHO, 2007, p. 71).

Nesse sentido, apreende-se que, pode ensinar crianças e adultos a ler, e ao mesmo tempo convidá-los a se tornarem leitores, que não apenas decodificam, mas que compreendem, que são capazes de uma reflexão crítica sobre o texto lido, que “[...] é possível alfabetizar letrando.” (CARVALHO, 2007, p. 9).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mais do que alfabetização, o direito constitucional de ensino sintetizou o mínimo que a sociedade deve garantir: o direito de aprender a ler e a escrever com autonomia. Isso significa ter domínio suficiente para, em processo de aprendizado continuado, se manter em condições de acompanhar a velocidade e a complexidade do mundo contemporâneo, que exige aprender continuamente, por toda a vida, ante os avanços do conhecimento e a permanente criação de códigos, linguagens, símbolos e de sua recriação diária. (PAIVA, 2006).

Ser professor alfabetizador de idosos, com o pressuposto do letramento, é ir além do ensinar a decodificar signos. É conhecer cada estudante, aproximar os saberes escolares das experiências que cada um traz para a sala de aula, e, desse modo, compartilhar ideias, tarefas, objetivos e significados.

A questão norteadora deste trabalho é problematizar: se é possível alfabetizar letrando? Portanto a alfabetização e o letramento são processos que se entrelaçam, são indissociáveis e devem acontecer de forma simultânea, pois a entrada do idoso no mundo da escrita deveria acontecer tanto pela aquisição do sistema convencional de escrita quanto pelo desenvolvimento de capacidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, intimamente ligadas às práticas sociais. Alfabetizar na perspectiva do letramento é propiciar a aquisição da base alfabética por meio da multiplicidade de gêneros discursivos, para que o idoso entre em contato com diferentes usos sociais da língua ao mesmo tempo em que se alfabetizam, levando-as a perceber porque e para que se usa a escrita.

A vivência com diversos textos vai ajudá-las a compreender, a interagir com distintos modelos, possibilidades e manifestações da língua escrita. Assim, acredita-se que os idosos irão desenvolver progressivamente competências em relação aos usos linguísticos que lhes deem condições de resolver problemas da vida cotidiana, ter acesso aos bens culturais e alcançar a liberdade de participação no mundo letrado.

Mediante os fatos expostos alfabetizar letrando é ensinar o idoso a ler e a produzir textos em uma situação real de comunicação, que pressupõe algo que se quer comunicar a um interlocutor real com objetivos específicos dentro de um determinado tema.

Em suma, é preciso organizar o trabalho pedagógico para que os idosos experimentem e vivenciem a prática da leitura e da produção de textos diversos na sala de aula. Enfim, trabalhar a alfabetização na perspectiva do letramento implica substituir as práticas engessadas das cartilhas e dos livros didáticos por situações reais de uso dos diferentes gêneros e tipos textuais que circulam no cotidiano.

Realizar esse trabalho é permitir a mudança de práticas tradicionais por práticas que façam sentido para o idoso, concedendo-lhe o direito de usufruir da escrita como bem cultural, tornando-o um sujeito mais participativo, crítico e consciente, capaz de exercer plenamente a sua cidadania.

Conforme Soares (1998, p. 38), “[...] aprender a ler e a escrever e fazer uso da leitura e da escrita transforma o indivíduo e o leva a um outro estado ou condição sob vários aspectos: social, cultural, cognitivo, linguístico.”

Neste sentido, este estudo pretende contribuir para que compreendam a alfabetização e o letramento, bem como o processo de formação e socialização do sujeito, colaborando de forma significativa para esse processo de formação e socialização de acordo com as particularidades e especificidades dos sujeitos nos âmbitos escolar e social.

Desta forma espera-se que este trabalho possa colaborar para o avanço da temática. Para tanto, torna-se fundamental uma ação educacional, tanto para os idosos quanto para os demais cidadãos, promovendo um maior conhecimento, além de promover o envelhecimento ativo, pensado desde a infância até a terceira idade, assim oferecendo subsídios teóricos e metodológicos.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, E. B. C. et al. Alfabetização e letramento: conceitos e relações. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- BIZZOTTO, M. I.; AROEIRA, M. L. et al. Alfabetização linguística: da teoria à prática. Belo Horizonte: Dimensão, 2010.
- BRANDÃO, C. R. O que é método Paulo Freire. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- BRASIL. Ministério da Educação. Pró-Letramento: programa de formação continuada de professores dos anos/séries iniciais do Ensino Fundamental: alfabetização e linguagem. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.
- _____. Ministério da Educação e do Desporto. Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CARVALHO, M. Primeiras letras: alfabetização de jovens e adultos em espaços populares. São Paulo: Ática, 2007.
- FREIRE, P. A importância do ato de ler. São Paulo: Cortez, 2001.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.
- KLEIMAN, Â. Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado das Letras, 1995.
- SOARES, L. Alfabetização de jovens e adultos: um pouco de história. 2003. Disponível em: . Acesso em: 04 ago. 2016.
- SOARES, M. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- _____. Letramento e escolarização. São Paulo: Global, 2003.
- _____. Letrar é mais do que alfabetizar: nossa língua nossa pátria. Jornal do Brasil, 26 nov. 2000. Disponível em: . Acesso em: 20 abr. 2016.
- _____. Letramento: tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
- SEVERINO, A. J. Metodologia do trabalho científico. São Paulo: Cortez, 2000.
- PAIVA, J. Tramando concepções e sentidos para redizer o direito à educação de jovens e adultos. Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro, v. 11, n. 33, p. 519-566, set./dez. 2006.

TFOUNI, L. V. Letramento e alfabetização. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. Letramento e alfabetização. São Paulo: Cortez, 2004.